

Até PMDB fala em romper com governo

Dentro de 60 a 90 dias, no máximo, o PMDB decidirá se continua a apoiar o governo ou rompe abertamente e passa para a oposição, um movimento que poderá ter forças internas discordantes, mas conta com a maioria do partido, informou ontem o senador Afonso Camargo (PR). A causa do possível rompimento é a indefinição do governo em adotar medidas concretas e objetivas para superar a crise econômica e política, enquanto o PMDB acaba se comprometendo com a insatisfação popular.

Camargo observou que o próprio Ulysses Guimarães, ocorrendo a hipótese do rompimento, não poderá ficar contra o partido, pois a insatisfação contra o governo é generalizada. Quem pode evitar o rompimento é o presidente Sarney, caso se disponha a adotar para o governo as definições que o momento exige, disse o ex-ministro dos Transportes, para quem a situação de ambivalência em que o partido é obrigado a ficar não pode prevalecer. Camargo acha que o assunto será tratado na reunião de terça-feira da executiva nacional.

PFL ataca
Críticas ao comportamento do

PMDB, a política econômico-financeira do governo e proposta de lançamento de campanha pela realização de eleições diretas para presidente da República logo após a promulgação da nova Constituição, foram ouvidas ontem à tarde em reunião da bancada do PFL, convocada inesperadamente pelo líder José Lourenço.

José Lourenço abriu os trabalhos para se queixar de que "somos representantes de 18 milhões de votos e o PMDB não aceita que a futura Constituição tenha um pouco de nossa face. Não participar da eleição foi a forma de protesto democrático que escolhemos para que se respeitem as minorias".

"O PMDB pretende fazer a Constituição sozinho e não tem nem a preocupação de dourar a pilula, de disfarçar o seu desejo", lamentou Mendes Thame (PFL/SP), que chegou a propor a convocação do diretório para discutir o destino da Aliança Democrática.

"Faremos oposição ferrenha ao PMDB. O país está afogado, enquanto mentem, descaradamente à Nação. O ministro Dilson Funaro leva o país ao abismo e o presidente José Sarney não tem forças para

tirar esse ministro", disse Messias Gois (PFL/SE).

"Nosso adversário é o PMDB. Agora, essa história de fazer oposição ao PMDB e apoiar o governo não vai colar. Vai deixar, na opinião pública, a impressão de que somos partido do faz de conta. O PFL prestaria serviço extraordinário à Nação se se constituísse em opção oposicionista séria, honesta, inteligente", disse Humberto Souto (PFL/MG). Como vamos sobreviver se somos destruídos eleitoralmente pelo governo que ajudamos a montar?"

Sandra Cavalcante propôs campanha pelas Diretas Já para presidente da República, com eleições a se realizarem em março de 1988. "Ninguém aguenta mais esse país, sem comando, à deriva e nós iguais a figurantes da ópera do Navio Fantasma de Wagner. A grande desgraça de um político hoje em dia reside em ter de ir à tribuna do Congresso ou à TV defender o que está acontecendo no país. Por isso, defendo a que empunhemos a bandeira das Diretas Já para que ela não caia em mãos alheias".

Não houve quorum para decisão na reunião do PFL, marcada por lamentos e recriminações.



José Lourenço e Carlos Chiarelli, líderes do PFL

Covas consegue paz com Frente Liberal

O líder do PMDB, Mário Covas, já tem a garantia do PFL de que a revolta do partido pela perda dos cargos reivindicados na Mesa da Constituinte não se transformará em obstáculo ao entendimento na composição das comissões temáticas e, de resto, no processo de elaboração da nova Constituição. Covas recebeu essa garantia dos líderes do PFL na Câmara, José Lourenço, e no Senado, Carlos Chiarelli.

O PFL, que antes havia ameaçado até mesmo elaborar uma "Constituição paralela", não condicionou a nova posição a uma aventada hipótese de ser compensado com cargos nas comissões pelo mal resultado obtido nas negociações em torno da composição da Mesa. Na verdade, o PMDB acha que essa garantia



Líder obteve cooperação

reforça a suspeita de que o partido não teve mais como recuar da posição de não compor a Mesa.

Covas fez essas revelações durante almoço do presidente de Portugal, Mário Soares, com as lideranças do Congresso no restaurante privativo da Câmara dos Deputados. Aquela altura, o presidente do PMDB, Câmara e Constituinte, Ulysses Guimarães, alimentava esperança de que na própria solenidade fosse possível ainda um acordo de última hora, para que o PFL comparecesse à eleição da Mesa.

O líder do governo, Carlos Santana, afirmava o mesmo. Ele repetia a máxima política de que "até a última hora, tudo é possível". Santana tentava reforçar seu otimismo com a informação de que a Gráfica do Senado ficaria de prontidão até 15 minutos antes da eleição da Mesa, para a eventual necessidade de confeccionar as

cédulas incluindo o PFL na disputa.

Tanto Santana como Covas consideraram radical a atitude do PFL de não participar da eleição e, por isso, repetiam que o partido deveria reverter essa expectativa à última hora.

O governo, confirmou ontem sua irritação com o líder do PFL na Câmara, José Lourenço, ao atribuir à sua intemperividade o fracasso das negociações.

O Planalto, contudo, não acredita o insucesso das negociações apenas ao líder do PFL. Em menor escala, acusa o PMDB também de não contribuir em nada para o acordo. A atitude dos líderes do partido, especialmente Covas, de funcionarem na reunião da bancada como porta-vozes da proposta do PFL pela primeira secretaria e menos como defensores irritou o governo.

Preocupação de Scalco são as comissões

O deputado Euclides Scalco (PR) vai passar os próximos dias, inclusive sábado e domingo, trabalhando na distribuição dos 305 constituintes do PMDB pelas diversas comissões temáticas. O deputado Alcei Guerra, por coincidência também do Paraná vai estar empenhado nessa mesma atividade, em relação aos 132 constituintes da Frente Liberal. Na segunda-feira, todos os líderes de partidos terão que encaminhar à Mesa as relações com os nomes dos constituintes que representarão os seus respectivos partidos nas comissões temáticas.

O PMDB e a Frente Liberal estão atrasados nesse trabalho de composição dos nomes. O atraso foi provocado pelos desentendimentos entre os dois partidos, motivados pela recusa do PMDB em ceder a 1ª vice-presidência da Mesa Diretora ao PFL. Até agora o líder José Lourenço não definiu se vai ou não manter a ameaça de não indicar nomes para as comissões.

Os demais partidos praticamente já concluíram suas listas. O PDS, com 35 deputados e 5 senadores, interessou-se principalmente pela Comissão da Organização Eleitoral e partidária, pela Comissão da Organização dos Poderes e pela Comissão da Ordem Econômica. Para elas, indicou, respectivamente, o senador Jarbas Passarinho, o deputado Bonifácio de Andrada e o senador Roberto Campos, mais o deputado Delfim Netto. Pelo critério de proporcionalidades, o PDS poderá indicar quatro constituintes para cada uma das comissões temáticas e três para a Comissão de Sistematização.

O PDT, que tem 24 deputados e 2 senadores, indicou, entre outros, Roberto D'Ávila para a Comissão da Soberania e dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher. D'Ávila trabalhará na subcomissão da Nacionalidade e Soberania. Nessa mesma comissão, o deputado Lysáneas Maciel irá para a Subcomissão de Direitos Políticos.

Quebrada a tradição, desde 1823

Desde a Constituinte de 1823 os partidos majoritários no Parlamento têm assento à Mesa proporcionalmente à representação de suas bancadas. Na época, os partidos Conservador e Liberal, quando majoritários, ocupavam a maioria dos cargos das Mesas da Câmara e do Senado, mas concediam sempre uma vaga a um parlamentar de legenda adversária.

A ausência de parlamentares da segunda legenda no Parlamento na composição de Mesa diretora dos trabalhos não ocorre pela primeira vez agora. Em 1979, o MDB recusou-se a participar da Mesa do Senado, alegando que nela estariam presentes senadores biônicos. Naquele momento, o senador Franco Montoro (MDB-SP) fez um inflamado discurso contra a presença de parlamentares emedebistas na Mesa do Senado e liderou as articulações nesse sentido. Comentou-se que Montoro tinha a intenção, sobretudo, de impedir que o senador Orestes Quêrcia (MDB-SP) fosse eleito segundo vice-presidente.

A composição das Mesas é acertada informalmente, na maioria dos casos, pelos líderes partidários, de 15 a 20 dias antes da eleição. Alguns dias antes do pleito eles redem suas bancadas para sacramentar um nome ou colocar em disputa o cargo a que terão direito. Todos esses movimentos são articulados e negociados entre os líderes e presidentes de partido.

Dada a diversidade de opiniões e posições dentro das bancadas, cabe aos líderes formular os acordos e pactos entre os partidos. O líder deve sempre tentar refletir o pensamento de sua bancada, ou de pelo menos a maioria de seus liderados.

Nos casos em que não há acordo, as dificuldades são praticamente irremovíveis. Com o acordo, elas tendem a desaparecer.

Em outubro de 85, quando da votação do ato convocatório da Constituinte, o presidente do PMDB e da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, apoiou a esquerda do partido, votando favoravelmente ao destaque da emenda estabelecendo anistia ampla, geral e irrestrita. No dia seguinte, pressionado pelo Palácio do Planalto e ministros militares, demoveu grande número de deputados peemedebistas a aprovarem totalmente a emenda. Para isso, teve de conversar, juntamente com o então líder do partido, deputado Pimenta da Veiga (PMDB-MG), com líderes de correntes internas da legenda e também com os líderes dos demais partidos para garantir o quorum mínimo à aprovação, na mesma noite, da emenda considerada aceitável pelos ministérios militares.

Cresce a irritação contra o Planalto

O Partido da Frente Liberal pode estar caminhando para a explosão, a começar pela seção mineira. Deputados e senadores do PFL estão cada vez mais irritados com o que chamam de discriminação do Planalto, sempre beneficiando o PMDB. O partido está sendo mais atingido no seu estado-base, Minas Gerais, de Aureliano Chaves, onde cresce, a cada dia, a influência do novo governador Newton Cardoso.

Ontem pela manhã, o PFL mineiro esteve com o presidente Sarney levando seus lamentos, suas queixas e suas reclamações. A nomeação do ex-senador "bionico" Murilo Badaró para a presidência da Fiat foi classificada de "barganha" — seria para recompensar o ex-candidato do PFL-PL ao Palácio da Liberdade em 1986, Itamar Franco.

A nomeação de Anibal Teixeira — que na campanha eleitoral foi denunciado pelo PFL-PL por abuso de poder e distribuição de recursos com fins eleitorais em benefício do

PMDB — foi um duro golpe em cima do PFL mineiro. O Palácio da Liberdade, que conseguira antes a diretoria geral do DNER, terá ainda outra pasta ministerial — Transportes ou Desenvolvimento Urbano (se não for extinta).

Os ministros Aureliano Chaves, Marco Maciel e Jorge Bornhausen, principalmente, tem sido alertados por muitos parlamentares do PFL da "escalada" peemedebista em cima do partido. «A presença de Anibal Teixeira na Seplan-SEAC teve o objetivo claro de destruir o PFL em Minas — desabafou o deputado Humberto Souto.

Auto-crítica
Na reunião do PMDB, Marcelo Cordeiro, indicado candidato a 1º secretário da Mesa diretora da Assembleia Constituinte, chegou a dizer que, se o PFL conquistasse a 1ª secretaria da Mesa, "ninguém poderia garantir que não seriam engavetadas as propostas da sociedade à Constituinte.

Alguém citou como provável substituto de Dilson Funaro no

Ministério da Fazenda o atual presidente da Companhia Vale do Rio Doce Internacional, Eliezer Baptista.

«Se isso acontecer, o PMDB rompe com o governo Sarney» — desabafou o deputado baiano Domingos Leonelli, da ala esquerda do PMDB.

Souto retrucou: «rompe nada: E mais fácil a esquerda sair do PMDB».

Muitos parlamentares do PFL são de opinião de que o partido e seus líderes nacionais, como Aureliano Chaves e Marco Maciel, precisam, com urgência, promover uma auto-crítica e definir novo comportamento diante do governo Sarney. De acordo com a proposta de muitos parlamentares, o PFL deveria se afastar do governo Sarney, mantendo uma linha crítica, de independência.

Apesar disso, o PFL admite estudar o plano do bloco parlamentar de apoio a Sarney — que está sendo avaliado por Carlos Santana e Prisco Viana — reunindo várias siglas.

finança na atuação do líder daquele partido na Constituinte, senador Mário Covas, e na Câmara, Luis Henrique, garantindo que eles trabalharam em favor do entendimento com o PFL. O líder afirmou ainda não temer mais nenhum "radicalização" do PMDB na distribuição de cargos nas comissões.

"Não tenho o menor temor de que venham a ocorrer problemas", assegurou, mostrando-se satisfeito com a possibilidade de conseguir as presidências das Comissões. Ao ser lembrado de que a função de relator é muito mais importante e acabaria ficando com o PMDB, Lourenço insistiu: "Não faz mal: deixem as presidências para nós, que está bom". O líder disse ainda não considerar uma boa saída, no caso de divergências em plenário, a prática de obstrução nas votações, que a seu ver contribui para desgastar a imagem dos partidos que a utilizam com muita frequência.

Embora tenha feito restrições à bancada do PMDB, José Lourenço fez questão de registrar sua con-

afinam com ele no partido as versões de que estaria desagradando até mesmo integrantes da cúpula partidária com seu comportamento nos últimos dias, quando chegou a propor uma "Constituinte paralela" devido à atitude do PMDB de não ceder aos liberais os cargos que eles reivindicavam na Mesa da Constituinte. As versões foram confirmadas ontem, no entanto, por fontes seguras, que disseram que realmente Maciel chegou a se irritar com as atitudes de Lourenço. Este mostrou-se convencido, no entanto, pelo noticiário da Empresa Brasileira de Notícias, segundo o qual essa insatisfação não tinha nenhum fundamento e Maciel, "ao contrário do que foi publicado", afirmou ter "o maior apreço" pelo líder pefelista.

Confiança em Covas
Embora tenha feito restrições à bancada do PMDB, José Lourenço fez questão de registrar sua con-

Acordo com os pequenos eleger Mesa, afinal

Com um acordo entre o PMDB e os pequenos partidos e sem a presença do PFL, que não compareceu ao Plenário para votar, a Assembleia Nacional Constituinte elegeu, ontem, em votação secreta, a sua Mesa definitiva, à exceção do cargo de presidente, para o qual já havia sido eleito o deputado Ulysses Guimarães.

O PMDB ficou com a 1ª vice-presidência e a 1ª secretaria, os dois cargos mais importantes — depois da presidência — e motivo da "racha" com o PFL. Foram eleitos como 1º vice o senador Mauro Benevides (PMDB-CE), com 289 votos, e como 1º secretário o deputado Marcelo Cordeiro (PMDB-BA), com 277 votos.

A 2ª vice-presidência ficou com o deputado Jorge Arbage (PDS-PA), que obteve 284 votos, e as 2ª e 3ª secretarias ficaram com o senador Mário Maia (PDT-AC), com 260 votos, e com o deputado Arnaldo Faria de Sá (PTB-SP), com 293 votos. Para 1º, 2º e 3º suplentes foram eleitos, respectivamente, a deputada Benedita da Silva (PT-RJ), com 250 votos, e os deputados Luiz Siyer (PMDB-GO), 260 votos e Sotero Cunha (PDC-RJ), 250 votos.

A eleição do 3º suplente, deputado Sotero Cunha, resultou de uma coligação entre o PL e o PDC. Portanto, ficaram de fora da composição da Mesa, além do PFL, que não compareceu, PCB, PC do B, PSB e PMB.

Beneficiados
O PDS (38 constituintes), o PDT (26) e o PTB (19) seriam os principais beneficiados com a desistência do PFL de participar da eleição para a Mesa da Constituinte: o PDS



subiria da 3ª secretaria para a 2ª vice-presidência, enquanto PDT e PTB ganhariam lugares efetivos, em vez da suplência que lhes era prometida.

A eleição começou com 3 horas e 40 minutos de atraso encerrando uma briga entre PMDB e PFL, que durou uma semana e destruiu mais um pedaço da Aliança Democrática sem objetivo aparente: os detentores dos cargos não tem direito a qualquer privilégio e são proibidos de participar das comissões da Constituinte.

"Temos que ser pragmáticos". A frase, dita na manhã de ontem pelo líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, deflagrou o processo de negociação com os pequenos partidos para o preenchimento dos dois cargos na Mesa pela desistência do segundo maior partido, o PFL. As 17 horas, quando o acordo foi concluído, estava sacramentada a primeira grande derrota do PFL na Constituinte, traduzida nas frases do vice-líder Alcei Guerra: "Nunca antes tínhamos experimentado o peso de sermos minoria".

Ulysses Guimarães
Presidente da Mesa

Simbolo maior da resistência ao autoritarismo, Ulysses Guimarães, 70 anos, dedica-se em tempo integral à realização de um sonho antigo: ser presidente da República. Há obstáculos, principalmente dentro do PMDB, onde diversos políticos mais novos ambicionam suceder o presidente Sarney. Nos últimos tempos, tinha assumido o comando absoluto do PMDB e as presidências do partido, da Câmara e da Constituinte. Com a eleição do senador Mário Covas, para líder na Constituinte, passou a dividir o controle partidário com o senador.



Marcelo Cordeiro
Primeiro secretário

Marcelo Ribeiro Cordeiro (PMDB-BA), 41 anos, é da esquerda do partido, mas tem adotado posições de conciliação. Ex-líder estudantil, o deputado exerce o segundo mandato parlamentar e ficou ameaçado de não ocupar a primeira secretaria em duas oportunidades. Primeiro, quando o cargo estava reservado ao PFL e somente ficou com o PMDB porque os pefelistas radicalizaram nas negociações e acabaram perdendo o posto. A segunda, na votação da bancada vencida por Cordeiro por apenas dois votos, 113 contra 111, dados ao deputado José Tavares.



Mauro Benevides
Primeiro vice-presidente

Carlos Mauro Cabral Benevides (PMDB-CE), 57 anos. Segundo Mandato como senador, o primeiro foi de 1975 a 83. Mauro Benevides é um dos parlamentares mais próximos a Ulysses Guimarães, amizade que lhe valeu o cargo de tesoureiro do MDB, ainda na sua primeira legislatura. Em 1982, ele não conseguiu se eleger para o Senado, mas o tempo que ficou fora do Congresso, assumiu a presidência do Banco do Nordeste e uma diretoria do Banespa, ainda por influência de Ulysses. Tido como moderado, ele é o substituto direto do presidente da Constituinte.



Mário Maia
Segundo secretário

Mário Maia (PDT-AC), 63 anos, foi eleito pelo PMDB para o Senado, em 1982, mas na última legislatura transferiu-se para o PDT formando com o seu colega Maurício Côrrea (DF), os dois únicos senadores pedetistas. Ele foi cassado com base no AI-5 quando exercia o mandato de deputado Federal pelo extinto MDB. A rigor, o senador não deveria ser eleito, e nem fazer parte da Mesa, já que a bancada do PDT não atingiria o número previsto para a divisão de cargos pelo critério de proporcionalidade.



Jorge Arbage
Segundo vice-presidente

Jorge Wilson Arbage (PDS-PA), 63 anos, casado. O deputado foi ligado ao grupo frotista no Congresso, quando o ex-ministro do Exército do governo Geisel, general Sylvio Frota, chegou a ensaiar um golpe contra o então presidente da República. Malufista, esta é a terceira legislatura de Arbage. O deputado é o segundo sucessor do presidente da Constituinte, no impedimento do presidente é do primeiro vice. Ele estava cotado para a terceira secretaria, mas com a renúncia do PFL em participar da Mesa acabou subindo para a segunda vice.



Arnaldo Sá
Terceiro secretário

Arnaldo Faria de Sá (PTB-SP) é jornalista e exerce o seu primeiro mandato na Câmara dos Deputados. Ele vem auxiliando nos trabalhos da Mesa desde os primeiros dias. Logo após ser eleito presidente da Constituinte, o deputado Ulysses Guimarães indicou alguns parlamentares para compor a Mesa provisória e um destes foi Arnaldo Sá. Na votação de ontem para a eleição da Mesa definitiva, o deputado obteve 293 votos, superando inclusive o senador Mauro Benevides, com 289.

